



## DA LEITURA DO MUNDO À LEITURA DA PALAVRA

Querubina Aurélio Bezerra<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo fazer uma aproximação entre as questões relacionadas ao processo de alfabetização a partir da obra *A importância do ato de ler*, de Freire (1989), com as questões da alfabetização de estudante público da educação especial. Pela observação das experiências cotidianas desta pesquisadora, as palavras de Freire se mostram atuais no que se refere a importância da validação da leitura de mundo apresentada por estudantes, para que estes possam (re)significar as palavras em seus processos de alfabetização.

**Palavras-chave:** alfabetização, deficiência intelectual, inclusão, Paulo Freire.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo acercarse a cuestiones relacionadas con el proceso de alfabetización a partir de la obra de Freire, *La importancia del acto de leer* (1989), con cuestiones de alfabetización de estudiantes de educación especial. Al observar experiencias cotidianas, las palabras de Freire resultan actuales en cuanto a la importancia de validar la lectura del mundo que presentan los estudiantes, para que puedan (re)significar palabras en sus procesos de alfabetización.

**Palabras clave:** alfabetización, discapacidad intelectual, inclusión, Paulo Freire.

## INTRODUÇÃO

Introduzo este texto escrevendo o quão desafiador parecia pensar em um trabalho que se vinculasse à temática do evento: *Um olhar latino-americano sobre a filosofia da educação na contemporaneidade*. Talvez meu receio viesse do fato de que estou vinculada à linha de pesquisa *Processos educacionais, linguagem, tecnologia e inclusão* no Programa de Pós-graduação da Universidade de Caxias do Sul e por ter em minhas leituras me debruçado nos estudos de teóricos que não são latino-americanos.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul, Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Técnica em assuntos educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, campus Caxias do Sul.

# Revista Gepesvida

Teria eu condições de me aventurar a uma viagem com o propósito de discutir esse olhar latino-americano, partindo de um ponto de vista filosófico e tendo como alicerce algum teórico latino-americano? Respondo a essa pergunta com este texto, que tem como objetivo fazer uma aproximação entre as questões relacionadas ao processo de alfabetização a partir da obra *A importância do ato de ler*, de Freire (1989), com as questões da alfabetização de estudantes público da educação especial.

E arrisco fazer um movimento subversivo diante das estruturas acadêmicas e apresentar uma escrita de um artigo que se inicia com uma crônica, que é para mim a estrutura literária que me permite fazer uma leitura de mundo mais detalhada.

## APREENDENDO O MUNDO: CRÔNICA DE UMA CAMINHANTE

Aos quinze anos, enfim com estímulos terapêuticos necessários para auxiliar no desenvolvimento da fala e com auxílio no processo de alfabetização, minha filha aprendeu a ler e a escrever.

No entanto, trago aqui o relato da experiência de alguém que teve como principal espaço de aprendizagem não a sala de aula, nem mesmo as salas de atendimento terapêutico, mas a cidade.

Caminhantes pelas cidades onde residimos nos últimos anos<sup>2</sup>, um percurso diário de aproximadamente 8km, com todas as ruas e suas ladeiras, com as praças e os parques, com os comércios e os espaços de serviços, a observação foi a fonte para a primeira leitura que aquela menina precisava fazer do mundo.

E dessa observação constante, veio a ampliação do vocabulário que era antes muito limitado por ela desconhecer como eram nomeadas muitas das imagens que seus olhos captavam na rua.

Muitas letras se misturavam ao longo do caminho, entre panfletos e vitrines que indicam qual o preço ou entre placas que informam endereços. Além das letras, há os números, também antes não bem conhecidos e agora muito bem lidos ao longo do caminho.

E por palavras ou textos ditando as regras para cidadãos ou peregrinos, a leitura

---

<sup>2</sup> Após a adoção, durante o primeiro ano moramos na cidade de Bento Gonçalves-RS e posteriormente mudamos para Caxias do Sul-RS, na Serra Gaúcha.

# Revista Gepesvida

do que pode e do que não pode, da convivência social, também passa a ser conhecida.

A que antes caminhava pelas ruas de cabeça baixa, só olhando qual o próximo passo ia dar, agora ergue a cabeça, observa árvores, pássaros, semáforos, praças, porque a cidade é viva, e há muita coisa para observar.

E a caminhada dá espaço para a conversa e para fortalecer o vínculo e para algumas dúvidas tirar.

- É uma amoreira! É uma goiabeira! É uma uveira?

A mãe se alegra pela lógica criada na formação da palavra, mas precisa explicar que para essa planta deram nome diferente. E mesmo tendo que repetir muitas vezes, a palavra videira passa a ter sentido e passa a fazer parte daquele vocabulário.

- Olha, mãe, está escrito táxi!

- Muito bem, você conseguiu ler, mesmo faltando a letra x! E não é que a menina já lê a palavra faltando letra.

Porém vem a dúvida, será que é a leitura fluindo ou apenas a noção por ter um táxi parado ao lado e ela ainda lê, como uma forma de adivinhação?

Mas logo vem a prova de que o mundo agora é apreendido e a palavra aprendida. Em frente a uma loja, ao ver em um eletrodoméstico o botão com a palavra desligar, imediatamente ela diz:

- Olha, mãe, é só tirar esse pedaço até o s e fica ligar.

Agora as letras que antes só se misturavam, agora fazem sentido. Porque o mundo que antes ela não conhecia, foi realmente apreendido.

São assim nossos dias, a caminhada, pelas ruas, parques e praças da cidade, ganha a cada dia novos sentidos, porque agora, quem antes não compreendia a si mesma, percebe que na cidade há pessoas, as mais diversas, em idade, em gênero, em raça e em condição socioeconômica. E se é possível perceber que externamente nem todas as pessoas são iguais, quem dirá quando começa a atentar para o jeito de ser e das condições motoras, sensoriais e intelectuais.

Tudo isso é uma forma de ler o mundo e a sociedade que a forma, e poder a própria vida ressignificar.

# Revista Gepesvida

## MUNDO – PALAVRA – MUNDO

Perdi as contas do número de vezes em que a mensagem “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, de Freire (1989, p. 9), veio à tona em meus pensamentos nos últimos quatro anos, mesmo não sendo ele o teórico sobre o qual dedico minhas leituras.

Enquanto pesquisadora, dedico-me aos estudos sobre a inclusão de pessoas com deficiência e o repertório teórico nessa linha tem se voltado aos estudos desenvolvidos por outros autores.

Porém enquanto cearense que sou, parece-me mais acessível compreender palavras vindas de quem teve experiências de uma cultura similar, onde é possível reconhecer, pelas palavras, o Nordeste do Brasil.

E antes que viesse a mim algumas ideias propostas por autores que tanto leio, e dos quais tento aproximar a teoria em minha prática cotidiana, essas palavras de Freire me acompanham em pensamentos e no quadro que tenho aqui ao lado direito de minha escrivadinha.

Mas, afinal, o que essa mensagem teria a ver com a temática da educação inclusiva, sobre a qual me debruço em minhas pesquisas?

Para começo de conversa, é importante lembrar que Freire dedicou-se à alfabetização de adultos e via nesse processo, para além do ato de ensinar a (de)codificação da palavra para fins de leitura e de escrita, um ato político e de libertação de um sistema opressor.

Então, mesmo que no tempo histórico da atuação laboral de Paulo Freire enquanto educador, no Brasil ou em países onde viveu exilado, não houvesse a política de inclusão para o público da educação especial como hoje a legislação brasileira prevê, ele foi um educador que trabalhou em uma perspectiva de incluir pessoas adultas que não tiveram acesso ao processo de alfabetização na infância.

Dessa forma, Freire realizou em seu ato educativo, e como ele mesmo ressalta, ato político, o processo de inclusão por meio da alfabetização de adultos que, diferentemente da experiência por ele vivida, não tiveram a oportunidade de ter o auxílio dos pais para que a leitura de seu mundo particular, fosse transformada em uma leitura de palavras.

# Revista Gepesvida

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 1989, p.11).

E é nesse ponto que as palavras de Freire me soam tão significativas, porque ainda é possível se deparar com ações no contexto escolar em que o estudante é visto como alguém que chega vazio de conhecimentos, e ainda se desconsidera a leitura de mundo que cada sujeito carrega. Observando-se, assim, que ainda há uma ação autoritária no fazer laboral de profissionais que negam o saber trazido pelas experiências dos próprios educandos.

## **POR UM RESPEITO A OUTRAS FORMAS DE LER O MUNDO**

Uma adolescente com deficiência intelectual, não alfabetizada, com dificuldades no desenvolvimento da fala e sem frequência efetiva na escola, porém matriculada em uma turma de oitavo ano de ensino fundamental. O que você faria se alguém entregasse essa menina em suas mãos e dissesse: ela nunca vai aprender a ler! Aceitaria esse veredito? Ou tentaria fazer algo diferente do que (não) foi feito antes?<sup>3</sup>

Quando Freire (1989, p. 9) nos provoca com a afirmação de que “o ato de ler (...) não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas (...) se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” e a observar o movimento contínuo que existe “do mundo à palavra e da palavra ao mundo” (p. 13) ele nos alerta que não é possível observar os estudantes como isentos de conhecimentos que advém de suas experiências. Além disso, Freire ainda destaca o processo de alfabetização enquanto um ato de criação que se transpõe da expressão oral à expressão escrita.

No entanto, estudos realizados em universidades brasileiras (AGUIAR, 2015; MELLO, 2019; ROCHA, 2018) ainda apresentam críticas quanto as questões diagnósticas que se colocam diante do contexto escolar e que, muitas vezes, são os fatores de o foco diante dos estudantes ser pontuado diante do déficit, da fragilidade, do que não

---

<sup>3</sup> Talvez esse seja o conflito que muitos educadores vivenciam quando recebem um estudante com deficiência e com atrasos referentes ao processo de escolarização. No entanto, o que eu relato nesse texto foi a minha experiência no dia em que recebi o termo de guarda da minha filha, que foi adotada aos 15 anos de idade, em uma instituição especializada onde ela era atendida.

# Revista Gepesvida

é possível, ao invés de trabalhar com as potencialidades dos estudantes.

Mesmo para os estudantes público da educação especial, que muitas vezes tem suas experiências diferenciadas das pessoas com comportamentos típicos devido as suas condições físicas, sensoriais e/ou cognitivas, eles também têm as suas leituras de mundo. De alguma forma o mundo é acessado por essas pessoas e essas experiências e conhecimentos precisam ser validadas em meio ao contexto escolar. Senão restará frustração para quem quer lecionar uma memorização mecânica dos conteúdos curriculares no contexto escolar.

Freire (1989) já sinalizava o quanto essa insistência na quantidade de memorização exigida dos alunos não os permitiam uma aprendizagem efetiva, tanto que fez um movimento diferente em seu fazer profissional ao propor formas em que os estudantes não memorizassem mecanicamente, mas pudessem apreender e, assim, desenvolver a capacidade de fixar o conhecimento.

Até que ponto as experiências de alfabetização na escola contemporânea estão realmente preocupadas com uma contextualização do mundo para que cada estudante possa significar as palavras, partindo de um processo de escuta que é realizado com eles, ou estão em um constante exercício mecânico de memorização que não gera significado diante da palavra escrita?

Essa reflexão que trago é no intuito de observar que no contexto escolar contemporâneo, ainda há repetições de comportamentos aos quais Freire questionava em sua obra *A importância do ato de ler*.

Não quero incorrer no risco de uma generalização, partindo de uma experiência tão particular. No entanto, trago aqui a reflexão de que, sem uma leitura, mesmo que o mundo particular como o que Freire descreve em seu texto, a leitura da palavra parece tornar-se muito árdua, talvez até mesmo impedida pelos contextos externos aos estudantes, e, mesmo assim, segue-se atribuído aos estudantes (ou seus diagnósticos) os motivos para a não-leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste texto, faço uma aproximação entre as propostas de Freire quanto à valorização da leitura de mundo aos processos de alfabetização de estudantes público

# Revista Tepevida

da educação especial que, mesmo diante das diferenças em seu jeito de ser e viver no mundo, também apreendem este a partir de suas experiências.

O processo de alfabetização que Freire proporcionou a adultos a partir de suas leituras iniciais e críticas de mundo, que se colocava como ato político, também podem ser assim percebidos se deslocarmos temporalmente as propostas por ele lançadas e hoje dedicarmos aos processos de alfabetização de pessoas com deficiência. Assim, estas poderão compreender para além do processo de (de)codificação das palavras lidas e escritas, mas apreender o mundo e se posicionar contra ações de preconceito que minimizam delas os direitos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Marta Bianchi de. *Calcanhar de Aquiles: a avaliação do aluno com deficiência intelectual no contexto escolar*. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015. Disponível em: [http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2222/1/tese\\_8549\\_TESE%20revisada%2003-07.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2222/1/tese_8549_TESE%20revisada%2003-07.pdf). Acesso em: 02 set. 2023.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

MELLO, Grazielle Perpétua Fernandes. *Concepção de professores de sala regular sobre ensino para alunos com deficiência*. 2019. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Marília, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181602/mello\\_gpf\\_me\\_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181602/mello_gpf_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 02 set. 2023.

ROCHA, Máira Gomes de Souza da. *Os sentidos e significados da escolarização de sujeitos com múltiplas deficiências*. 2018. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Nova Iguaçu, 2018. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/jspui/4851/2/2018%20-%20Ma%20c3%20adra%20Gomes%20de%20Souza%20da%20Rocha.pdf>. Acesso em: 02 set. 2023.